

## A PATERNIDADE “DE” MERCIER: OU DOS PORÕES DA VIRILIDADE?

João Carlos Cattelan\*

**RESUMO:** *Tendo como fundamento a Análise de Discurso de linha francesa, sobretudo, os conceitos de Interdiscursivo e Memória, pretende-se analisar um recorte do filme “O Destino de Haffmann”, publicado na plataforma de streaming Netflix. Nele, Mercier, incapacitado fisiologicamente para ser pai, propõe à esposa, Blanche, que ela engravide de outro, mas que o evento fique em segredo entre eles. Em face da recusa da esposa e na busca por convencê-la, Mercier produz um conjunto de enunciados que dão acesso a um determinado tipo de discurso sobre a paternidade, tema central deste estudo. É a este título que se procura verificar em que consiste a paternidade e que relação há entre ela e a virilidade, por exemplo.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Discurso, interdiscurso, memória, paternidade, virilidade.*

**ABSTRACT:** *Based on French Discourse Analysis, especially the concepts of Interdiscourse and Memory, it is intended to analyze an excerpt from the film “Haffmann's Destiny”, published on the Netflix streaming platform. In it, Mercier, physiologically incapable of being a father, proposes to his wife, Blanche, that she become pregnant by someone else, but the event remains a secret between them. Given his wife's refusal and in his quest to convince her, Mercier produces a set of statements that give access to a certain type of discourse about paternity, the central theme of this study. It is in this light that it seeks to verify what paternity consists of and what relationship there is between it and virility, for example.*

**KEYWORDS:** *Discourse, interdiscourse, memory, paternity, virility.*

### INTRODUÇÃO

Em **Papel da Memória**, Michel Pêcheux (in: ACHARD, 1999, p. 54-55), à guisa de *leitmotiv* para a teorização que produz sobre a memória discursiva, retoma o provérbio chinês cujo preceito postula que “Quando lhe mostramos a lua, o imbecil olha o dedo”, o que significa que, ao invés de buscar pelo referente textual como contraparte existente no mundo, indiciado pelo gesto que o refere, o idiota observa a atividade de referenciação realizada por quem o encena. É afirmar ainda: para o idiota, conforme o provérbio, interessa mais quem referencia e como o faz do que aquilo que ele designa.

Sobre este eixo de reflexão, o filósofo francês situa a “questão da interpretação em análise de discurso” (p.54), já que a busca pelo sentido, nesta disciplina, foca o “olhar sobre os gestos de designação antes que sobre os designata, sobre os procedimentos de montagem e as construções antes do que sobre as significações” (p.55). Consoante este postulado, a linguagem não trata do mundo, mas o coloca em perspectiva, transmutando-o em referência e solicitando que o olhar se volte para o sujeito e o que ele diz e não para o objeto discursivo designado. Trata-se de observar, pois, a obliteração do “referente” pela referência enquadrada por uma trajetória de sentido que antecede quem fala.

Na esteira do provérbio chinês como concretização do pleito teórico, o francês postula que a linguagem não é um código ou um conjunto de etiquetas que se superpõem às “coisas”, mas uma atividade simbólica que as converte em percepções/concepções, considerando como fio crucial de interpretação quem produz o discurso (o sujeito) e as condições de produção que o cercam e entendendo que, mais do que enunciação, o discurso é a *denunciação* de quem o produz, uma vez que ele o constrange/coage/rarefaz, fazendo-o dizer o que diz e não outra coisa.

No mesmo diapasão do provérbio, que dirige o olhar para quem profere o discurso, o slogan teórico atribuído a Freud sustenta que “quando Pedro fala de João, descobre-se mais sobre Pedro do que sobre João”, o que recoloca o sujeito em cena, já que, mais do que iluminar o mundo no que o constitui, ele se revela, mostrando seus compromissos, crenças, concepções, paixões e desejos. Em outros termos, o discurso é a assunção de tomadas de posição sobre o que as “coisas” são, não porque o sejam, mas porque o sujeito pertence a um grupo que imagina de uma forma, o que reitera o postulado do discurso como *denunciação* e imaginário via materialidade discursiva.

Por fim, em uníssono com o provérbio e o slogan, o ditado popular afirma que “o peixe morre pela boca”, cujo efeito de sentido equivale a algo como a, ao falar, o sujeito se manifesta, revelando o que pensa, em que acredita e que pactos sociais o sustentam. Como o peixe, ao abrir a boca e morder a isca, entrega-se ao algoz, o sujeito, ao proferir o discurso, permite o acesso ao seu universo de crenças e se denuncia, expondo partes do mar de leitura em que está imerso.

Seja pela via do provérbio, que impõe a necessidade de olhar para o sujeito, pela via do slogan teórico, que afirma que o discurso é a revelação da subjetividade, ou do ditado popular, que alerta para a temeridade de adentrar ao mundo da discursividade, o primado teórico a ser levado em conta é que o sujeito pertence à linguagem e ao discurso, pois, ao proferi-lo, revela-se, mostra-se, assume-se e se torna cativo: *denunciação*.

## 1. APONTAMENTOS SOBRE O CORPUS DE DADOS

Tanto o provérbio, quanto o slogan teórico, quanto o ditado popular enfatizam o postulado de que aquele que fala, ao fazê-lo, trai-se, mostrando-se e às suas crenças e que, por decorrência, o discurso é *denunciação* dos compromissos, mesmo que inconscientes, do sujeito, o que pressupõe que a fala não é um ato livre ou individual, mas determinado ideologicamente a partir de uma perspectiva sociocultural circunscrita historicamente.

Neste sentido, quem produz o discurso não se dá uma origem peculiar e original, apartada do mundo, mas é conduzido a sustentar determinados sentidos em face das constrações que o submetem a uma mirada de valores, fazendo-o defender o que defende não porque esta seja a melhor ou a única crença possível, mas porque condições de produção que o

transcendem o conduzem a reconhecer/aceitar o seu lugar.

Não há, portanto, em termos de discurso, o assim denominado ‘referente’ textual, objeto discernível, iluminado e decalcado pela linguagem, mas formas de construí-lo via materialidades discursivas que o transmutam em referência/objeto discursivo. A ‘árvore’ não é a mesma para o madeireiro, para o latifundiário, para o indígena, para o ativista ambiental, para o semanticista ou para o moveleiro. Ou seja: o mundo é convertido em discursos que dizem o que a “coisa” é, à revelia da violência que realizem.

É tempo, feitas estas ponderações, de abordar de que trata este estudo. Ele é tecido sobre recortes do filme *O Destino de Haffmann*, disponível na plataforma Netflix, que, em paralelo ao imaginário sobre o que seria uma mulher (o que lhe compete, o que lhe cabe, qual é o seu lugar), dá acesso ao que seria um homem (a que requisitos deve atender para ser visto como socialmente adequado), entremeando paternidade, masculinidade e virilidade com insegurança, simulação e descontrole. Sobretudo, pretende-se considerar como fulcro central um enunciado sobre a “paternidade”, objeto discursivo construído a partir de uma ótica peculiar que denuncia uma mirada ideológica de mundo.

## 2. SOBRE O APORTE TEÓRICO

Às voltas com um objeto de ciência tido como mal compreendido pelas Ciências Humanas, pautadas ou no empirismo positivista ou no logicismo formal, Michel Pêcheux desenvolveu o trabalho visando deslindar o discurso para além das fronteiras linguísticas emparedadas por barreiras “textuais”. Houve, da parte do autor, um esforço ininterrupto para deslindar o funcionamento do discurso, ultrapassando as concepções behavioristas ou da teoria da comunicação em voga no seu tempo. O objetivo do autor era criar uma ruptura epistemológica em relação aos estudos da linguagem, propiciando, além disso, um referencial teórico-metodológico para as Ciências Sociais e do Comportamento. Para Orlandi (in: MALDIDIER, 2003, p. 10), “A filosofia, as ciências da linguagem e as ciências humanas e sociais (...) estavam em questão na construção desse novo objeto”.

Para Maldidier (2003, p. 15 - grifos da autora), o discurso é, em Pêcheux, “um verdadeiro *nó*”, dado que, além de um objeto a ser compreendido sob outra perspectiva teórica, para o autor, ele “não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas as grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito” (p. 15). No empreendimento do filósofo, portanto, percebe-se a necessidade que tinha de intervir nas ciências que partiram do discurso como objeto de observação/análise, sem perceberem o conjunto de injunções que pesam sobre ele, em especial, a história e a ideologia, que rarefazem o que sujeito pode ou não dizer. Além disso, no decorrer dos estudos, Pêcheux recorre a pleitos da Psicanálise sobre o inconsciente como recalque ideológico, tornando mais complexo o quadro conceitual que buscava constituir.

Considerou-se acima o discurso como *denúnciação*, para dar atenção ao fato de o sujeito ser afetado/constrangido pela ideologia, pelo inconsciente e pelo já-dito, uma vez que não é fonte ou origem do discurso, mas é pego numa cadeia que coloca o dizer em débito com já-ditos anteriores por meio de uma função de retomada, tese que leva Pêcheux (1997, p. 16) a postular a determinação do discurso pela via do interdiscurso e da memória, dada a necessidade de considerar “o discurso como estrutura e como acontecimento”, o que demanda que se leve em consideração a materialidade discursiva (a estrutura/o texto) e as condições de produção (o “contexto”) com vistas à detecção do efeito de sentido.

O discurso como *denúnciação*, neste sentido, obriga a considerar o sujeito e as injunções que pesam sobre ele, seja no tocante ao interdiscurso ou à memória. Sobre o primeiro conceito, para Pêcheux (1995, p. 162 - grifos do autor), ele se refere ao fato de que “‘algo fala’ (ça parle) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’”, estabelecendo que o discurso não é um aerólito miraculoso individual, mas cuja origem vem do já-dito. Para Courtine (2006, p. 79), frente à memória, o interdiscurso permite “o retorno e o reagrupamento de enunciados” que propicia (e determina) que o sujeito, para dizer, deva retornar ao discurso prévio dirigido por uma força/movimento/função que coloca os discursos em relação de precedência/sucessão, com a primazia do interdiscurso. Neste caso, a “paternidade” que se observará aqui já vem tangida por discursos anteriores que a circunscrevem sob formas variadas e não no dizer de Mercier.

O discurso como *denúnciação*, por fim, denuncia e revela a pertença do sujeito a um domínio de memória dentre outros e o coloca sob a determinação de um sentido que não é o mesmo em todo tempo e lugar, mas surge circunscrito e vem, conforme Pêcheux (1999, p. 52), “face a um texto que surge como acontecimento dado a ler (...), restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita”. A memória, neste caso, “não deve ser entendida no sentido psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, 1999, p. 50), sendo constituída por “uma fragilidade” (p. 50), pois o acontecimento discursivo pode escapar “à inscrição, que não chega a se inscrever”, ou pode ser “absorvido na memória, como se não tivesse ocorrido” (p. 50), tendendo para o acordo ou para a resistência. No caso deste estudo, trata-se de verificar para que lado se dobra o pêndulo relativo à “paternidade”.

### 3. SOBRE A PATERNIDADE

Utilizar um filme ou parte dele para a escrita de um trabalho sempre pode trazer algum risco, pois aquele que for ver a obra depois pode ter a sua leitura dirigida para uma certa interpretação ou acabar recebendo o que se tem chamado de *spoiler*. Talvez, neste caso, os riscos não sejam tão grandes, em virtude de que são poucos os recortes utilizados e

dizem respeito a uma questão “periférica” em relação ao eixo central do filme.

Antes, uma pequena digressão. Parece bastante evidente que, ao lado da profusão e da grandiloquência dos discursos que tratam da maternidade, os que abordam a paternidade são escassos e surgem mais no discurso publicitário interessado no consumo e no discurso jurídico amparado numa ideologia de cunho moral e disciplinador, mais ao sabor do dever da provisão do que do exercício da atividade afetiva do cuidado. Há poucas ocasiões em que a paternidade se torna referência discursiva positiva, permitindo perceber como é concebida. Desse modo, como é o caso aqui, é preciso aproveitar as oportunidades em que ela surge para compreendê-la no tocante às injunções ideológicas que a cercam.

Blanche, esposa de Mercier, quando jovem, sonhou ser secretária em escritório, uma datilógrafa, desejo explicado por ela por ver estas profissionais sempre bem vestidas e elegantes e fumando em aparente liberdade e satisfação. No entanto, acaba trabalhando numa lavanderia, cuja chefe é antipática controladora. Em que pese, porém, este quadro desanimador, ela o prefere a estar em casa, reduzida à atividade doméstica desalentadora.

Aos 54 minutos, tangida pela pressão do marido de deixar o trabalho e ficar em casa, ela o questiona e recebe uma “justificativa” em resposta:

- Eu vou passar o dia fazendo o quê?
- Você vai cuidar do seu marido. E levar a nossa roupa à lavanderia. Quando você estiver grávida, vou cuidar de você. Todo dia.

Contra a ociosidade, a inutilidade e a insignificância que percebe em relação ao trabalho doméstico, preterido, inclusive, pela rotina cansativa e pela pasmeira da lavadeira, ela problematiza a redução ao vazio e à “inatividade” da atividade doméstica: “vou ficar fazendo o quê?”. Dada a mirada ideológica derrisória manifesta em relação ao trabalho doméstico, cujo intuito se pauta na recusa do pedido, o discurso de Mercier se constitui por meio da tentativa de enaltecer as supostas virtudes positivas que supririam as preocupações de Blanche com o vazio de uma existência insignificante.

As supostas qualidades do trabalho no lar apontadas por Mercier são “cuidar do seu marido”, donde se deduz lavar, passar e cozinhar (sem remuneração), além de atender à satisfação erótico-sensual; “levar a nossa roupa à lavadeira”, donde se infere o cuidado com a higiene geral da casa, cujo ganho seria transferir a responsabilidade para outra que vive as mazelas que a afligem no momento; e ter sempre o cuidado e a proteção do marido “quando estiver grávida”, donde se percebe o fechamento de um circuito imaginário que constrange a mulher ao cuidado da casa e à geração de filhos. Cuidadora e genitora reduzida às quatro paredes da casa que a aprisiona, ela só transcende estes limites forçada por derivações que provêm da atividade secular (milenar) que a circunscreve a um espaço limitado. Como se percebe, o discurso de Mercier se relaciona interdiscursivamente com

uma memória que atrela a mulher ao lar, à família e à procriação, nada trazendo de novo; o acontecimento é absorvido pela memória; no entanto, cumpre sua finalidade.

Pode-se concluir, considerando o discurso de Mercier e os efeitos de sentido que são derivados dos enunciados que produz, que o alicerce memorial de sustentação do que postula se ancora num imaginário patriarcal e machista que ultrapassa, neste caso, alguns milênios e vai buscar suas raízes às margens do Mediterrâneo, na antiga Grécia, dentre outras civilizações. Calcadas que estavam num modelo agrícola manual e artesanal de economia, cabia ao homem a atividade de cultivo do campo, faina cansativa e exigente fisicamente, para a qual a mulher não seria adequada, e à mulher, o cuidado da casa e de seus ingredientes constitutivos. Provisão de um lado, cuidado de outro, esta parece ser a dicotomia maniqueísta em que se sustenta a peroração de Mercier.

Apesar de as observações acima serem pertinentes e darem acesso aos ditames memoriais que pesam sobre o discurso de que Mercier é o suporte, não são eles o fio de sentido empreendido neste estudo. O recorte acima, em que pese a mirada patriarcal que o sustenta e que apregoa um imaginário conservador sobre a mulher, no filme, ele aparece a reboque e sob a rubrica argumentativa de outra finalidade, relativa ao desejo que ele tem de se tornar pai, cujo interesse se deslinda aos poucos. É sobre esta “paternidade” que as reflexões a seguir são desenvolvidas.

Dentre os 36:00 e os 37:00 aproximadamente, Mercier tem um embate com a esposa, Blanche, cujo fio da meada se tece em torno da vontade “dela” de ser mãe e de ele, conforme constatação clínica, não atender às condições fisiológicas necessárias para tanto e pretender delegar a um terceiro o alcance do objetivo.

- Como pode me pedir isso?
- Porque eu te amo. Você também quer um filho.
- Mas não assim.
- Um filho é um filho, dá no mesmo.
- Se é tão importante, podemos adotar. Tem muitos órfãos de guerra.
- Não, quero que seja nosso. Os outros vão me ver como pai.
- Quero que os outros se danem.
- Mas eu não. Porque, sempre que a vida melhora, não tenho direito? Tem sempre alguém para dizer “você não pode”. Por que não posso? Por que sou coxo? Por que não posso defender a França? Por que não posso te dar um filho? Por que não posso ser normal? Por quê? *Um homem que não pode ser pai não é um homem.* (36:01-37:13).

Blanche se opõe fortemente à alternativa do marido para se tornar pai, indignando-se com a iniciativa de ele lhe “pedir isso”, afirmando que quer ser mãe, “mas não assim” e que, “se é tão importante” para Mercier ter um filho, podem “adotar”, pois “tem muitos órfãos de guerra”. O discurso que constrange Blanche é, pois avesso ao do marido, uma vez que

traí-lo lhe parece inaceitável e, além disso, o filho não seria deles, mas resultado de uma relação escusa e moralmente reprovável. A contradição de Mercier, doravante, é feita por meio da tentativa de dissuadir a esposa e, por ela, tem-se acesso ao que determina a decisão dele, que nada mais cumpriria do que atender ao que os outros veriam, podendo-se alcançar a universo imaginário/interdiscursivo/memorial em que está imerso.

Pautado num diapasão memorial contraditório ao da esposa, Mercier é tangido pela suposta vontade de ser pai, que, aparentemente, satisfaria Blanche, embora este não seja mais do que um subterfúgio que obscurece as razões da proposta. Frente à recusa positiva da mulher, ele busca persuadi-la, afirmando que ela “também quer um filho”, o que deveria levá-la ao aceite sem maior contrariedade, e que a ama, o que seria suficiente para ela não se opor ao pedido, justificado pela prova de amor exorbitante, em face da aceitação de uma relação pouco convencional, e da demonstração afetiva do parceiro. No entanto, estas são justificativas que obliteram o que pretende e denegam o que objetiva, fazendo soarem falsos o afeto e a preocupação alegados: manipulação frustrada, em face do recato e pudor memorial que açambarcam Blanche.

Defrontando-se com a resistência da mulher, apesar de aparentemente amá-la e de ela desejar ter um filho, Mercier insiste na tese de um terceiro elemento se imiscuir na relação, já que, sendo dela, “um filho é um filho, dá no mesmo”, e que, para ele, dada a sua impossibilidade de fecundar a esposa, é imprescindível que a criança, pelo menos, seja dela, pois deseja que o filho “seja nosso”, onde o dêitico possessivo parece estranho, porque, em seu escopo, Mercier não é contemplado, devendo-se interpretá-lo como uma sinalização de propriedade objetificada da criança, com uma marca de pertença, e não como a realização de um desejo que satisfaça o casal. Entende-se que se trata, sobretudo, de atender a uma necessidade dele e não dela.

Com “os outros vão me ver como pai”, chega-se à razão efetiva para a demanda de Mercier; ele não se preocupa com quem fecundou a esposa, aceitando o incomum para suprir a determinação que estabelece o que um homem deve ser/fazer para ser visto como completo e adequado ao acordo. Não importa que o filho seja dele ou não; interessa que as pessoas creiam que é, já que não poderiam duvidar da gestação dela que, esposa dele, levaria à conclusão que ele seria o pai. Além disso, contribui o fato de o fertilizador residir no porão da joalheira e ser desconhecido das pessoas: um segredo. Mas Blanche afirma: “quero que os outros se danem”, ao que ele responde “mas eu não”, assumindo a sujeição definitiva ao princípio de que a paternidade prova a virilidade e a masculinidade.

O último enunciado de Mercier, como um desabafo, explicita o que se passa com ele, já que, além de não poder ter filhos, é coxo, tendo limitações severas em relação a algumas atividades, como “defender a França”, por exemplo. A limitação física, agravada pela descoberta da incapacidade de gerar filhos, torna Mercier ainda mais pessimista em relação a sua situação, pois julga que, “sempre que a vida melhora”, as pessoas passam a ter mais direitos, o que não se verifica no caso dele, já que, mesmo tendo as condições

materiais, há “sempre alguém para dizer ‘você’ não pode”.

Exposto à realidade que o cerca, coxo, por um lado, e infecundo, por outro, o que o impede de “ser normal”, por ter as condições econômicas, Mercier se dispõe a permitir que a mulher tenha relações com outro para atender à exigência social de ser pai, em que pesem as sombras que se abateriam sobre ela, permitindo-lhe, em aparência, viver ao sabor da conveniência social estabelecida. De certo modo, é possível afirmar que o aleijão físico que se abate sobre ele também é econômico, pois o que tem ganhado de outro, e moral, uma vez que está disposto a viver uma farsa, seja em relação a ser pai, ou frente àquele que fecundaria a esposa sob o peso de chantagem.

Talvez seja a situação limítrofe que abre as portas para Mercier propor a Blanche a atividade incomum, para abrandar o sofrimento de ser coxo e, sobretudo, para ter acesso a uma urgência masculina como a paternidade. No desabafo, com o discurso espontâneo que o caracteriza, Mercier se revela e mostra as injunções que o determinam, neste caso, sobre a inexorável necessidade de ser pai para se sentir homem. Ele não hesita em oferecer a esposa a outro e a chantageá-lo para alcançar o sucesso da empreitada.

Eis que se chega ao coroamento/arremate do discurso com o enunciado final de Mercier: “*um homem que não pode ser pai não é um homem*”, que, de pronto, mostra a paternidade como a suposta demonstração de virilidade. Imerso no domínio memorial que coloca o homem como chefe de família, como provedor e fortaleza, como gerador da prole e como o arrimo da esposa e dos filhos, Mercier é o estranho/incomum que não possui aptidão física para atender ao exigido. Ele não tem a força e é infecundo: um aleijão social. Eis o imaginário em que se encontra e os compromissos ideológicos em que se banha. E ele está disposto a viver uma farsa para atender ao estabelecido, levando a confirmar a sua debilidade moral e o seu parco poder de confronto.

Para o dilema vivido, Mercier julga ter achado a solução: *parecer* ser pai para a sociedade: “os outros vão me ver como pai”, à revelia de o filho ser seu ou de outro, tudo subsumido por fazê-lo parecer ser homem viril, másculo e gerador de filhos. Sabe-se dos embaraços que cercam os homens que não conseguem ter filhos por uma razão fisiológica qualquer. Mas o ponto crucial que se quer enfatizar é que a paternidade, em Mercier, não é um elemento positivo, no sentido de ter um conteúdo próprio que o deslinde nos seus ingredientes constitutivos, assim como ocorre com a maternidade. A paternidade é apenas e tão somente a prova social da virilidade e da masculinidade, sem a qual um homem não é um homem. Condição *sine qua non* na forma da exclusividade, ou há um filho ou o “homem” não é *homem*, sendo motivo de preconceito e derrisão diante dos outros. E nada mais é exigido: que tenha um filho para ser homem é necessário; que outras incumbências se façam presentes não é relevante.

O terceiro a ser imiscuído na relação com a esposa e na busca da progenitura, para Mercier, este é um homem, pois não é coxo e já tem alguns filhos. Parece ser sintomático



que ele viva no porão da casa, cujo efeito de sentido aponta, metaforicamente, para os ditames ideológicos que açambarcam Mercier e o fazem apresentar a proposta inusual a Blanche. De um lado, o terceiro é o porão onde estaria soterrada a farsa vivida pelo casal na superfície cotidiana; de outro, corresponde ao local onde residem os preceitos sociais que levam Mercier a suplantar a subjetividade frente a preceitos cristalizados. Não é gratuito que o terceiro aceite (sem fazê-lo realmente) sob a chantagem de ter as cartas enviadas para a família. O porão é o lugar em que efetivamente Mercier se acha e que, se Blanche aceitasse, poderia vir a ser soterrada também, desencontrando-se.

Talvez se possa entender que o caso de Mercier seja algo circunscrito a um caso eventual perdido no tempo e no espaço, com nada de mais abrangente. No entanto, por se tratar de uma obra ficcional em que o personagem está nas mãos orquestradoras de um autor, sempre é possível fazer a hipótese de que um objetivo maior esteja em jogo, sendo Mercier o representante de um fenômeno amplo, isto é, de uma memória que não afeta só a ele, mas também a quem o cerca: “os outros vão me ver”. A hipótese parece se confirmar na designação que o aparenta a ‘monsieur’, termo francês para ‘senhor’, cujo efeito de sentido, no filme, tem um tom derrisório e sarcástico e de denúncia a homens cujos porões escondem atividades escusas e soterradas para sustentar as aparências vividas à frente dos outros, no caso que interessa para este estudo, sobre a paternidade, que parece nada ter de próprio, estando meramente a reboque da prova social de virilidade e de masculinidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso de Mercier, ponto de encontro de uma memória discursiva sedimentada que é recuperada interdiscursivamente, revela a superposição entre a virilidade e a paternidade (como marca de masculinidade), com a subsunção desta por aquela, fazendo a última nada ser além da demonstração de uma potência de progenitura, sem a qual a masculinidade, a virilidade e a potência sexual do homem ficariam comprometidas, fazendo-o estar fora do acordo e padecer os tormentos que resultam do opróbio da opinião pública. Mercier (‘monsieur’), como suporte de um imaginário, não hesita em lançar mão de um subterfúgio para simular o atendimento das expectativas sociais, paralelamente, trazendo-as à tona e explicitando o que se deve fazer para não ser censurado, produzindo, sem que o queira, uma denúncia social e a farsa que vive para satisfazê-la.

No que tange à paternidade, em relação a Mercier e ao recorte social que ele representa, nada há de positivo sobre ela que não seja a prova pública da capacidade de gerar filhos. Contra a maternidade, sobre a qual uma profusão de enunciados a recortam dando-lhe contornos, ser pai é somente fecundar uma mulher para provar a capacidade de produção de filhos: nada mais. Então, é possível conceber que, gerado o filho, nenhum outro ditame pesa sobre o homem, pois teria se desincumbido do papel de homem pai viril e másculo. Doravante, o filho pertence à mulher que, “vencionada” para o cuidado, deverá atendê-

lo, quando não terá que ser mãe do marido também, como deseja Mercier.

A se acreditar nesta concepção de paternidade, são recrudescidos os princípios já sedimentados e cristalizados de pai como genitor desincumbido do cuidado e da provisão necessária, não raras vezes abandonando o filho e deixando-o sob a incumbência da mãe, com todos os sobressaltos e preocupações que provenham. Mercier não é o representante de todos os homens, mas certamente pode-se encontrar um conjunto significativo dos que se encaixam no perfil traçado pelo discurso: o autor não criaria um mundo, mesmo que ficcional, fora de uma realidade de suporte.

Mesmo que a inferência possa parecer especulativa (e talvez seja), a concepção de paternidade de Mercier recrudescer os imperativos que se impõem sobre a mulher que, como mãe, não poderá contar com iniciativas de apoio que se pautem na partilha e na divisão de tarefas. Na positividade que já circunscreveu a maternidade com injunções exigentes e estressantes, prometendo realização, satisfação e alegrias, outros tantos serão acrescidos em virtude de o responsável pela procriação se omitir do que poderia vir a ser um refrigério para as horas da mãe, geralmente mal dormidas.

Cabe alertar, por fim, que, no afã de evitar adentrar demais na discursividade do filme, algumas lacunas podem ter sido criadas por meio da análise o que, eventualmente, demanda que o leitor vá a ele para preenchê-las: prejuízo. A tentativa de encaminhamento ocorreu neste sentido pela busca de não explicitar mais do que o necessário para a análise fazer sentido no sentido de trazer à tona os efeitos de sentido sobre a paternidade no que se refere a um discurso que não deixou de existir e nem foi superado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHARD, Pierre (et al). *Papel da memória*. (Trad. José Horta Nunes). Campinas: Pontes, 1999.

COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. (Trad. Nilton Milanez, Carlos Piovezani Filho). São Carlos: Claraluz, 2006.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. (Trad. Eni P. Orlandi). Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. (Trad. Eni P. Orlandi). 2.ed. São Paulo: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. (Trad. Eni P. Orlandi et al.). 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.



\* Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Mestre pela Universidade Federal do Paraná, Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista e Pós Doutor em Ciência da Comunicação pela Universidade de Coimbra. Atua como professor na pós-graduação em Letras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, sendo autor de livros e artigos científicos na área de Análise do Discurso de linha francesa.